

Crise no Leste da Europa

Leste da Ucrânia registra explosões; Biden diz que Putin decidiu invadir

— Presidente americano afirma estar convencido de que invasão ocorrerá nos próximos dias; rebeldes pró-Rússia ordenam retirada em massa de população de área de conflito

WASHINGTON

Após um dia marcado por explosões e ataques na região separatista do leste da Ucrânia, o presidente dos EUA, Joe Biden, disse ontem estar convencido de que Vladimir Putin já tomou a decisão de invadir a Ucrânia. A declaração foi dada durante coletiva de imprensa na Casa Branca após uma videoconferência com vários líderes ocidentais.

Questionado pelos repórteres se acreditava que a Rússia atacaria, Biden respondeu que “sim”. “Estou convencido de que ele (Putin) tomou a decisão de invadir.” Segundo o presidente dos EUA, sua percepção tem como base relatórios da inteligência americana. “Acreditamos que eles terão como alvo a capital da Ucrânia, Kiev, uma cidade de 2,8 milhões de pessoas inocentes.”

Demonstração de força Militares russos disseram que Putin vai monitorar hoje um exercício das forças nucleares do país

Biden voltou a dizer que a ação militar ocorrerá “na próxima semana ou nos próximos dias”, mas lembrou que o seu secretário de Estado, Antony Blinken, tem um encontro com o chanceler russo, Sergei Lavrov, no dia 24. “Se ele

agir antes, terá fechado a porta da diplomacia”, disse Biden. “Mas não sei se ele está interessado em diplomacia.”

A perspectiva de uma guerra ficou mais forte ontem por causa de outros dois sinais: a intensificação de bombardeios no leste ucraniano e a ordem dada pelos separatistas pró-Rússia, que controlam o território, para que a população deixe suas casas e procure abrigo do lado russo da fronteira. Milhões de habitantes da área têm origem russa e muitos já receberam cidadania da Rússia.

O anúncio de retirada da população foi feito por Denis Pushilin, chefe da autoproclamada República Popular de Donetsk. Segundo ele, a Rússia concordou em receber os refugiados. Mulheres, crianças e idosos devem ser retirados primeiro, segundo ele. Em seguida, Luhansk, outra região separatista, também disse que retiraria moradores da área.

PRETEXTO. Após o anúncio da retirada, sirenes de alerta soaram em Donetsk e em outras cidades da região, sinalizando um possível ataque militar ucraniano. Nas últimas semanas, Biden e Blinken vêm alertando que a Rússia poderia usar um ataque falso da Ucrânia para justificar uma invasão.

Questionado sobre a retirada em Donetsk, o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, disse



Casa atingida por bombardeio em região separatista de Luhansk

que não tinha informações sobre a situação e não sabia se os separatistas estavam coordenados com a Rússia.

Ontem, a zona de conflito do leste da Ucrânia viu o mais intenso bombardeio em anos. Como sempre, o governo de Kiev e os separatistas trocaram acusações, culpando um ao outro. À noite, autoridades separatistas russas disseram que um carro explodiu perto do prédio do governo no centro de Donetsk. Não houve relatos de vítimas.

Os EUA disseram que a Rússia, embora tenha dito que começou a retirar tropas da fronteira com a Ucrânia, está fazendo o oposto, aumentando a for-

ça que ameaça país vizinho. Os russos teriam hoje, segundo os americanos, quase 200 mil soldados na região. “Esta é a mobilização militar mais significativa na Europa desde a 2.ª Guerra”, disse o embaixador dos EUA, Michael Carpenter, em reunião da Organização para Segurança e Cooperação na Europa (OSCE).

Uma fonte diplomática descreveu ontem os bombardeios no leste da Ucrânia como os mais intensos desde o cessar-fogo, em 2015. Cerca de 600 explosões foram registradas pela manhã, 100 a mais do que na quinta-feira, algumas envolvendo fogo de artilharia e morteiros de grande porte. Pelo

menos quatro tiros foram disparados de tanques. “Eles estão atirando em tudo e todos”, disse a fonte à Reuters. “Não há nada assim desde 2015.”

A Rússia nega que esteja planejando uma invasão da Ucrânia, país de mais de 40 milhões de habitantes, no que seria a maior guerra na Europa desde 1945. Ontem, ao lado do líder de Belarus, Alexander Lukashenko, Vladimir Putin disse que há um agravamento da situação em Donbas, leste da Ucrânia, onde ficam as regiões separatistas.

Segundo ele, o cumprimento do Acordo de Minsk é a garantia para a restauração da paz na Ucrânia e para o fim das tensões. Assinado em setembro de 2014, seis meses depois de a Rússia ter anexado a Crimeia, Minsk é um pacto de cessar-fogo feito para reintegrar à Ucrânia as regiões separatistas pró-Rússia, dando a Moscou voz na política ucraniana.

EXERCÍCIOS. Com as tensões no nível mais alto desde a Guerra Fria, os militares russos anunciaram ontem que Putin vai monitorar pessoalmente hoje um exercício das forças nucleares russas, que envolverá vários lançamentos de mísseis – um lembrete do poder nuclear do país. O Ministério da Defesa da Rússia confirmou que o exercício militar incluirá lançamentos de mísseis balísticos intercontinentais e de cruzeiro. ● NYT, REUTERS e WP

EUA afirmam que Brasil está do lado oposto da comunidade global

WASHINGTON

A porta-voz da Casa Branca, Jen Psaki, declarou ontem que o Brasil está “do lado oposto” da comunidade internacional na crise entre Ucrânia e Rússia, depois de o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, ter manifestado solidariedade ao seu colega russo, Vladimir Putin, nesta semana, no último dia de sua visita oficial a Moscou.

Questionada sobre as declarações de Bolsonaro em Moscou, Psaki criticou o regime russo e considerou que a grande maioria da comunidade internacional concorda com os EUA nesta avaliação. Psaki fez a ressalva, no entanto, de que ainda não havia discutido as declarações de Bolsonaro com o presidente americano, Joe Biden.

“O que eu diria é que a grande maioria da comunidade global está unida em sua visão

compartilhada de que invadir outro país, tentar tomar parte de suas terras e aterrorizar seu povo, certamente, não está alinhado com os valores globais”, disse Psaki. Então, talvez o Brasil esteja do outro lado de onde está a maioria da comunidade global.”

MUDANÇA DE TOM. Na quinta-feira, o governo americano já havia criticado os elogios de Bolsonaro a Putin por meio de nota emitida pelo Departamento de Estado dos EUA, que cuida das relações diplomáticas americanas com outros países.

“O momento em que o presidente do Brasil se solidarizou com a Rússia, quando as forças russas estão se preparando para potencialmente lançar ataques a cidades ucranianas, não poderia ter sido pior”, afirma o texto. “Isso mina a diplomacia internacional destinada a evitar um desastre estratégico e humanitário, bem como os próprios apelos do Brasil por uma solução pacífica para a crise.”

Os americanos também afirmaram que o Brasil “parece ignorar” a situação na região, o que a diplomacia americana

considera uma inconsistência no histórico diplomático brasileiro. “A questão é que o Brasil, como um país importante, parece ignorar a agressão armada por uma grande potência contra um vizinho menor, uma posição inconsistente com a ênfase histórica do Brasil na paz e na diplomacia.”

Os americanos vêm subindo o tom contra o governo brasileiro. Inicialmente, os EUA vinham adotando cautela, dizendo apenas esperar que Bolsonaro aproveitasse a oportunidade com Putin para expressar “valores compartilhados” entre Brasil e EUA, como respeito a uma ordem internacional baseada em regras. ●

Invadindo ou não, Putin cantará vitória de toda forma

RUSSIAN DEFENCE MINISTRY/EFE



Caça SU-30SM da Força Aérea russa durante exercício militar com Belarus, na fronteira com a Ucrânia

ARTIGO

The Economist

As notícias pareceram encorajadoras. Em uma aparição na TV estatal, em 14 de fevereiro, Vladimir Putin resmungou um sucinto “bom” em relação à proposta de seu chanceler de que, apesar dos alertas do Ocidente a respeito de uma invasão à Ucrânia, a diplomacia deveria continuar. Um dia depois, o Ministério da Defesa russo afirmou que alguns dos 180 mil soldados concentrados nas fronteiras ucranianas seriam enviados de volta para as casernas, após terem completado exercícios militares que, segundo Moscou, foi desde o início o motivo para eles estarem lá.

Autoridades – e os mercados – respiraram com certo alívio. Mas dados de inteligência logo mostraram que, apesar de algumas unidades estarem se movendo, muitas outras se preparavam para o combate. Com candura similar à que jogou Putin no contrapé, muitas autoridades de segurança do Ocidente o acusaram de mentir, redobrando seus alertas para uma iminente invasão russa. Mesmo se as tropas recuarem, a crise não acabará. E aconteça o que acontecer, Putin prejudicou seu país ao arquitetar-lá.

Muitos observadores discordariam dessa avaliação. Sem disparar nenhum tiro, apontam eles, Putin colocou-se no centro das atenções globais, provando que a Rússia é importante novamente. Ele desestabilizou a Ucrânia e incutiu em todos a ideia segundo a qual o futuro do país é assunto dele. Ele ainda poderá conquistar concessões da Otan por evitar a guerra. E domesticamente sublinhou seu estadismo e criou distração das agruras econômicas e da repressão contra figuras da oposição, como Alexei Navalni, que esta semana foi novamente arrastado para uma tribunal.

Ainda assim, esses ganhos são táticos. Mesmo que Putin os tenha conquistado, num sentido mais duradouro e estratégico, ele perdeu terreno. Um motivo para isso é que, apesar de todos os olhares estarem sobre Pu-

tin, ele incitou seus oponentes. Liderado por Joe Biden, que numa ocasião chamou Putin de “assassino” e abomina o homem que tentou lhe tirar da presidência, o Ocidente concordou ameaçar com um pacote de sanções mais duras que as de 2014, quando a Rússia anexou a Crimeia.

PROPÓSITO. A Otan, desqualificada pelo presidente francês, que em 2019 afirmou que a aliança sofrera “morte cerebral”, encontrou o propósito renovado de proteger seus flancos próximos à Rússia. Sempre tendo preferido manter distância, Suécia e Finlândia poderão aderir à Otan. A Alemanha, que insensatamente deu estímulo ao gasoduto Nord Stream 2, aceitou que o gás russo é um fator de risco com que terá de lidar, que uma invasão encerraria o projeto. Se Putin previu que suas ameaças seriam respondidas com meras frases de efeito, se enganou.

A Ucrânia tem sofrido realmente. Mas a crise também afirmou o sentimento popular entre os ucranianos que seu destino é ao lado do Ocidente. É verdade que Putin arrancou garantias de que a Ucrânia jamais se juntará à Otan, mas são garantias baratas, pois a adesão da Ucrânia sempre foi uma possibilidade remota. O que mais importa é que, tendo sido negligenciada nos anos recentes, a Ucrânia está desfrutando de apoio diplomático e militar sem precedentes do Ocidente. Esses laços forjados na crise não se dissolverão subitamente caso as forças russas recuem. Novamente, isso é o oposto do que Putin pretendia.

Também é verdadeiro que Putin colocou a segurança europeia na pauta, incluindo discussões a respeito de mísseis e exercícios militares. Mas essas negociações seriam de interesse de todos, porque reduzem o risco de conflito. Se negociações vantajosas para todos contam como vitórias para Putin, que elas aconteçam mais.

A derrota mais intrigante de Putin é em casa. A Rússia tentou construir uma economia forte. Aumentou suas reservas e reduziu a fatia em dólares de

Putin colocou-se numa encruzilhada. Ele pode atacar. Mas, mesmo um recuo agora pode apenas levar a um ataque posterior

suas reservas. Diminuiu a dependência das empresas de capital estrangeiro e trabalhou duro para construir um estoque de tecnologia (em todas as áreas, de chips a aplicativos, passando pela própria internet). O país também se aproximou da China, na esperança de encontrar um comprador alternativo para os hidrocarbonetos que continuam sendo sua principal fonte de moeda estrangeira.

Apesar dessas ações terem aliviado o dano de sanções do Ocidente, elas não o eliminaram. A UE ainda compra 27% de todas as exportações russas; a China, cerca de metade disso.

O gasoduto Força da Sibéria, quando ficar pronto, em 2025, levará à China somente um quinto da quantidade de gás que vai para a Europa.

ISOLAMENTO. Na eventualidade de um conflito grave, sanções sobre transações bancárias da rede Swift em bancos russos isolariam o sistema financeiro do país. Restrições a importações similares às aplicadas contra a Huawei ocasionariam enormes dificuldades para as empresas russas de tecnologia.

Putin pode tanto conviver com essa interdependência quanto se voltar ainda mais para a China. Mas isso condenaria a Rússia a tornar-se sócia minoritária de um regime pouco sentimental, que a consideraria um auxiliar diplomático e uma fonte atrasada de commodities baratas. Esse jugo irritaria Putin.

Essa aliança de autocratas também surtiria um custo psicológico na Rússia. Demonstraria a dependência de Putin dos siloviki, os comandantes de segurança que veem na democracia ucraniana e no estreitamento das relações com o Ocidente uma ameaça à própria capacidade de controlar e saquear a Rússia.

Seria mais um sinal de que eles perderam para os capitalistas liberais e os tecnocratas – que são o outro pilar do Estado russo. Mais mentes excelentes e brilhantes se perderiam; outras desistiriam. Estagnação e

ressentimento forjariam uma oposição que, provavelmente, seria correspondida com brutalidade intensificada.

E se Putin, ciente de tudo isso, invadir? Esse ainda poderia ser o terrível resultado da crise, enquanto cada lado busca manobrar melhor que o outro. Nesta semana, o Parlamento russo pediu que Putin reconheça as autodeclaradas “repúblicas” na região do Donbas, que reivindicam grande faixas de território que não controlam atualmente – adicionando mais um gatilho para Putin puxar quando bem entender.

Além de devastar a Ucrânia, a guerra prejudicaria muito mais a Rússia do que a ameaça de guerra. O Ocidente ficaria mais unido e determinado a virar as costas para o gás russo; a Ucrânia se tornaria uma ferida aberta, sugando dinheiro e homens russos; e Putin se tornaria um pária. A própria Rússia seria flagelada por sanções e por um aprofundamento ainda maior da autarquia e da repressão.

Putin colocou-se numa encruzilhada. Ele pode atacar. Mas, mesmo um recuo agora, com suas ambições frustradas, pode apenas levar a um ataque posterior. Ao levantar-se contra a ameaça que ele representa, o Ocidente tem a melhor chance de dissuadi-lo da escolha fatídica. ● TRADUÇÃO DE AUGUSTO CALIL

© 2022 THE ECONOMIST NEWSPAPER LIMITED. DIREITOS RESERVADOS. PUBLICADO SOB LICENÇA. O TEXTO ORIGINAL EM INGLÊS ESTÁ EM WWW.ECONOMIST.COM

Biden está unindo rivais dos EUA

— Estratégia do governo fez Rússia se aproximar da China e obter apoio em várias áreas

estadaodigital#erika@clipclap.com.br

estadaodigital#erika@

O governo de Joe Biden tem lidado com a crise ucraniana de maneira inteligente e eficaz, formulando uma política que poderia ser descrita como “dissuasão mais diplomacia”. Fez ameaças críveis sobre os custos de uma invasão russa e reuniu seus aliados europeus numa mostra impressionante de união. E ainda que (corretamente) tenha se recusado a prometer que a Ucrânia será barrada na Otan, ofereceu-se para discutir quase tudo mais, de controles de armas a posicionamentos de mísseis.

Mas a crise sublinhou um fracasso estratégico maior, que se estende para além deste governo. Uma das regras centrais da estratégia é dividir seus adversários. Cada vez mais, porém, a política externa americana tem feito o oposto. Neste mês, num documento de mais de 5 mil palavras, Rússia e China declararam uma “amizade sem limites”. As duas potências parecem mais próximas do que estiveram em qualquer momento dos últimos 50 anos.

Para a Rússia — uma potência em declínio —, o apoio da China é um presente divino. A razão mais significativa, mesmo que as sanções possam não funcionar, é que a China, a segunda maior economia do mundo, poderia ajudar. A Rússia anunciou recentemente novos acordos para vender mais petróleo e gás para a China, e Pequim pode comprar ainda mais energia e outros itens dos russos. Também poderia permitir a Moscou usar vários instrumen-

tos e instituições chineses para evadir-se das restrições financeiras dos EUA. “A China é nosso amortecedor estratégico”, afirmou Sergei Karaganov, conselheiro do Kremlin. “Sabemos que, em qualquer dificuldade, podemos contar com seu apoio militar, político e econômico.”

Para aqueles que argumentariam que o caso não passa de duas autocracias bandeando-se, vale notar que não foi sempre assim. Em 2014, a China rejeitou apoio à invasão russa à Ucrânia e ainda não reconheceu a anexação da Crimeia. De maneira similar, Pequim não apoiou a intervenção russa na Geórgia e expressou apoio pela integridade territorial e a independência daquele país.

INFLUÊNCIA. China e Rússia são rivais do Ocidente, mas são muito diferentes entre si. Colocá-las no mesmo saco é um sinal de que a ideologia triunfa sobre a estratégia atualmente em Washington. A Rússia de Vladimir Putin é um Estado sabotador geopoliticamente. Invadiu dois vizinhos, Geórgia e Ucrânia, e ocupou território nesses países, algo quase sem precedentes na Europa desde a 2.ª Guerra.

Usou armas cibernéticas para atacar e enfraquecer mais de uma dúzia de democracias, incluindo os EUA. Apoiou aliados, como a Síria de Bashar Assad, com força bruta. Assassinou oponentes, mesmo enquanto eles viviam na Alemanha e no Reino Unido. E, enquanto petro-Estado, beneficia-se de instabilidades, que po-



Vladimir Putin em conversa com Xi Jinping, presidente da China

A Rússia é um Estado sabotador; já a

China é uma potência em ascensão em busca de influência

dem fazer aumentar os preços.

China é diferente. É uma potência mundial em ascensão que busca maior influência à medida que ganha força econômica. Foi agressiva em suas políticas em relação a alguns países, mas enquanto grande ator econômico pode afirmar com credibilidade que quer estabilidade no mundo. Como Robert Manning notou na *Foreign Policy*, em 2020, “Pequim não está tentando substituir o FMI, o Banco Mundial, a OMC ou insti-

tuições na ONU; está tentando desempenhar um papel mais dominante nos organismos.”

No passado, Pequim votou a favor e deu apoio a sanções contra regimes púrias, como Líbia, Irã e Coreia do Norte, apesar desse espírito de cooperação ter minguado, especialmente nos últimos meses. A China usou seu poder de veto no Conselho de Segurança da ONU com muito menos frequência do que Rússia ou EUA.

A China representa um desafio crucial para os EUA, mas grande parte do que precisamos fazer para combatê-la é no campo da política doméstica, como aplicar medidas que estimulariam a inovação e a competitividade americana.

O maior estadista da Europa do século 19 foi o alemão Otto von Bismarck, cuja estratégia central sempre foi manter relações melhores com cada um de seus adversários do que eles mantinham entre si. E, desde que o ex-presidente Richard

Nixon e Henry Kissinger afastaram a China da União Soviética, em 1972, por décadas, os EUA foram mais próximos a Rússia e China do que elas eram entre si.

INGENUIDADE. Mas não é mais assim. Falou-se nos EUA sobre a tentativa de um movimento “Kissinger reverso” — um esforço para desenlaçar Moscou de Pequim. E Biden movimentou-se nessa direção no ano passado. Mas isso resultou de uma falta de entendimento ingênua a respeito de Putin, cuja resposta foi iniciar a atual crise. Talvez o que fosse preciso não seria um “Kissinger reverso”, mas simplesmente um “Kissinger”, um esforço para melhorar a relação com a China. Isso, em qualquer hipótese, foi o que Kissinger defendeu.

No início da Guerra Fria, quando a ideologia também predominava sobre a estratégia, os EUA colocaram no mesmo saco todos os Estados comunistas. Foram necessários 25 anos para entender que devemos tratar Moscou e Pequim de maneira diferente. No começo da guerra ao terror, George W. Bush anunciou que Iraque, Irã e Coreia do Norte formavam um “seixo do mal”, um erro pelo qual pagamos até hoje. Esperemos que desta vez não tenhamos de enfrentar mais uma longa e custosa desventura antes que finalmente reconheçamos que não podemos favorecer a união de nossos inimigos.

● TRADUÇÃO DE GUILHERME RUSSO

É COLUNISTA DO 'WASHINGTON POST'. PUBLICADO NO 'ESTADÃO' AOS SÁBADOS

Putin é um líder astuto ou apenas imprudente?

ANÁLISE

ANTON TROIANOVSKI
THE NEW YORK TIMES

A crise da Ucrânia, tudo se resume ao tipo de líder que Vladimir Putin é. Em Moscou, muitos continuam convencidos de que ele é racional e os riscos de invasão seriam tão altos que o acúmulo de tropas só faz senti-

do como um blefe convincente. Mas alguns também deixam a porta aberta para a ideia de que ele mudou na pandemia, uma mudança que pode tê-lo deixado mais paranoico, magoado e imprudente.

A mesa de 6 metros de comprimento que Putin usou para se distanciar de líderes europeus no Kremlin simboliza seu descolamento da realidade. Por dois anos, Putin se escondeu em um casulo livre de coronavírus, realizando a

maioria das reuniões por teleconferência sozinho em uma sala e mantendo seus ministros à distância. “Há a impressão de irritação, de falta de interesse, de falta de vontade de se aprofundar em algo novo”, disse Ekaterina Schulmann, ex-membro do conselho de direitos humanos de Putin, sobre as recentes aparições do presidente.

Uma invasão da Ucrânia seria uma escalada enorme em comparação a qualquer ação que Putin já tomou. “Iniciar uma guerra não é do interesse de Putin”, disse Anastasia Likhacheva, analista de assuntos internacionais da Escola Superior de Economia de Moscou. “É muito difícil encontrar ex-

plicação racional para o desejo de realizar tal campanha.”

“Se Putin fizer uma operação militar curta e limitada, como na Geórgia, em 2008, os russos poderiam apoiá-la”, disse Denis Volkov, diretor do ins-

para muitos em Moscou, especialistas veem o impasse sobre a Ucrânia como o último esforço de Putin para obrigar o Ocidente a aceitar o que ele vê como preocupações de segurança fundamentais.

Fyodor Lukyanov, analista de política externa que assessorou o Kremlin, disse que o objetivo de Putin é “forçar a revisão do resultado da Guerra Fria”. Mas ele ainda acredita que Putin vá parar antes de uma invasão. “Um blefe tem de ser convincente”, disse Lukyanov. “E os EUA, pintando a Rússia agressiva pronta para uma invasão, estão jogando a favor de Putin.” ●

É JORNALISTA

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional Caderno: A Página: 16 a 22